

**DE PORTUGAL A MACAU**  
**FILOSOFIA E LITERATURA NO DIÁLOGO DAS CULTURAS**



Universidade do Porto. Faculdade de Letras

2017

## **Ficha técnica**

**Título:** De Portugal a Macau: Filosofia e Literatura no Diálogo das Culturas

### **Organização:**

Maria Celeste Natário (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Carlos Ascenso André (Instituto Politécnico de Macau)

Gonçalo Cordeiro (Universidade de Macau)

Inocência Mata (Universidade de Macau/ Universidade de Lisboa)

Jorge Rangel (Instituto Internacional de Macau)

Maria Antónia Espadinha (Universidade de S. José)

**Editor:** Universidade do Porto. Faculdade de Letras

**Ano de edição:** 2017

**ISBN:** 978-989-99966-9-4

O presente livro é uma publicação no âmbito das atividades do Grupo de Investigação Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

## ALTINO TOJAL E ANTOINE VOLODINE: A UTOPIA DO IMPÉRIO

Egídia Souto

Instituto de Filosofia - Universidade do Porto.  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto  
(351) 226 077 100 | [ifilosofia@letras.up.pt](mailto:ifilosofia@letras.up.pt)

Resumo: Se o Macau de Antoine Volodine pouco tem a ver com o lado português, o mesmo não se pode dizer de Altino Tojal. Os dois escritores são sensíveis ao lado chinês e às misturas que ali ocorrem. Para ambos Macau está envolto num mistério que incita a uma catarse introspectiva.

Palavras chave: Altino Tojal, Antoine Volodine, Macau, utopia, exotismo.

Summary: If the Macao of Antoine Volodine has little to do with the Portuguese side, the same can not be said of Altino Tojal. The two writers are sensitive to the Chinese side and the mixtures that occur there. For both Macao is surrounded by a mystery that incites an introspective catharsis.

Key words: Altino Tojal, Antoine Volodine, Macao, Utopia, exoticism.

Altino Tojal nasceu em 1939 em Braga e os talentos de contador de histórias vêm-lhe da infância pois, desde cedo a família lhe contou as histórias do mundo. Numa das raras entrevistas que deu<sup>1</sup>, o autor comenta a importância da tia e do avô nesse processo. A obra pela qual ficou mais conhecido é sem dúvida *Os Putos* publicada pela primeira vez em 1964. Mas convém não esquecermos que Altino Tojal foi jornalista e cronista mais de trinta anos e durante esse tempo fez numerosas viagens. Uma delas foi a Macau, nos anos 80. Dessa viagem resultou *Histórias de Macau* (publicado em 1987, 1ªed e reeditada em 2009). O livro tem uma estrutura cronológica circular: começa num táxi que leva o narrador até ao aeroporto para a viagem a Macau, seguindo-se depois quarenta breves histórias que relatam as peripécias da estadia e termina com a viagem de regresso. Tojal, num registo por vezes autobiográfico e romanceado, traduz ao longo das crónicas a sua própria vivência e o fascínio, um tanto exótico, de Macau ainda sob o domínio português. *Histórias de Macau* não deixa de ser um livro no qual o autor expõe um conjunto de elementos culturais essencialmente lusófonos. Lembremos que em 1557 os portugueses estabelecem-se nas costas sul da China, na pequena península do delta do rio das pérolas, próximo de Cantão. A presença portuguesa com a permissão das autoridades chinesas prolongou-se até 1999.

Altino Tojal faz jus a essa Macau onde, ao longo dos séculos, afluíram aventureiros e outras gentes levadas pela sina incerta como o nosso narrador. Estamos perante quarenta universos individuais que nos transportam para uma viagem complexa. O autor narra na primeira pessoa o que vê num estilo que quase lembra o de um diário e um guia de viagem para turistas ocidentais como o demonstra a primeira história que conta a viagem de avião de ida com um japonês ao lado (p.13).

Neste “guia-promenade” com cenários pitorescos estão presentes todos os referentes normalmente associados a Macau: corridas de cães, o jardim de Camões, os restaurantes onde se pode comer bacalhau, a beleza das mulheres, a incomunicabilidade, pagodes, casinos flutuantes, o ópio, os odores, jogos de mah-jong, a humidade, meios para ir a Hong Kong, os dragões, o exotismo da ilha de Coloane, etc.

---

<sup>1</sup> Entrevista de Luís Souto publicada na *A página da Educação*, in s/d, [www.apagina.pt/Download/PAGINA/SM\\_Doc/Mid.../Página\\_8533.pdf](http://www.apagina.pt/Download/PAGINA/SM_Doc/Mid.../Página_8533.pdf) (consultado em Abril 2017)

A grande maioria dos aventureiros que por cá passou, desde o século XIX, fez referência à calma de Macau<sup>2</sup>, aos belos passeios, as casas coloniais e, aos poucos, ao declínio da presença portuguesa. Para todos, e Altino Tojal não é exceção, cem anos depois, os cheiros da chegada são a reminiscência para quem visita o paraíso asiático, como outrora salientavam os guias turísticos promovidos pela Agência Geral do Ultramar nos anos 60.

Desembarco após quase uma hora de mar, percorro lentamente um lúgubre corredor de fila compacta de passageiros, apresento o passaporte.

Macau!...

Pouso a mala à saída da estação portuária. Vai-se-me adentro no nariz um cheiro exótico, um cheiro adocicado e amolecedor, unânime como os que se respiram nas lojas dos ervanários. É o cheiro do Ocidente.

“Primeiro Olhar”, p. 25

Este excerto marca a chegada de *jet-fuel* de Hong-Kong até Macau e constituiu desde logo o ponto de encontro entre o este-oeste. A estação portuária é a fronteira associada ao exotismo e o ponto onde se cruzam os cheiros que trazem à memória as marcas de um Oriente que acolhe o narrador numa viagem a um tempo passado. Este mar interior que se atravessa representa a metáfora do rio cronotópico (Portugal-China) a margem de dois mundos como veremos mais à frente também para Volodine. Não faltam neste livro e por entre diversas peripécias os preconceitos do Oriente em relação ao Ocidente. Podemos vê-lo no conto “Turistas” (p.45) que fala de um casal português que ganha uma viagem a Macau. Este casal olha para os chineses com desconfiança e só confiam no “amigo Alcides” o barman português do hotel que fez a tropa em África antes de ir para Macau. Macau é aqui terra de exílio e de saudades. Sentimento expresso diversas vezes e desde logo realçado nas primeiras páginas pelo taxista que fez a tropa em Macau e que recorda as vivências sentimentais por lá vividas como é notório no excerto:

Ainda hoje puxo as orelhas por não ter ficado lá ficado, como fizeram o Saludes, o Alcines e outros rapazes do meu tempo. O Saludes montou um restaurante em Coloane e parece que vive feliz com uma chinesa. Aquilo é outro mundo (...) Devia ter ficado lá com a minha chinesa(...) Agora nem sou feliz em casa nem me agrada o trabalho (p. 9-10).

---

<sup>2</sup> Vários foram os autores que escreveram sobre Macau no século XIX, Just Roy, Georges Montfort, François Devray, Jacques Siegfried, Baron Josef Alexander von Hübner, entre outros.

Tojal distingue-se pelo olhar perspicaz que tem sobre as pessoas e lembra em algumas circunstâncias Maria Ondina Braga<sup>3</sup> pelo seu cariz sociológico. No entanto a sua estada é a de um português no Oriente que revive com um certo saudosismo o passado. Apesar de vários contos deixarem transparecer esta ideia, pode-se observar um exemplo flagrante no capítulo “aventuras é com ele” que honra o Clube militar de Macau e as personagens que por lá passam. Destaca-se o “Boralho”, o fanfarrão que se vangloria das aventuras em África. Este é o mítico resquício do império colonial o lugar onde se reacendem os fantasmas. Trata-se de mais um ponto de encontro dos exilados portugueses no Oriente. Note-se que o narrador foi a este lugar desde logo para se sentir em casa e integrar-se “(...) logo à chegada, de ser admitido, (...) para poder falar com portugueses ”(p.35)”. Poderíamos ainda referir outros capítulos como “do fundo do tempo” (p.275) cuja história conta a ida ao restaurante do Saludes. Neste espaço longínquo o narrador, enfatiado pelas iguarias orientais, encontra aqui um quadro familiar com “uma refeição quase mitológica: bacalhau cozido com batatas e ovo, sem faltar o vinho verde” (p.275). Saludes e o narrador partilham neste espaço mundo as confidências de um tempo mítico de lembranças, pois este foi aluno da tia do narrador na aldeia no norte de Portugal. À luz da leitura do conceito de cronotopo, forjado por Bakhtine<sup>4</sup>, compreende-se que este espaço microcómico, transporta o leitor para uma representação do lugar como reflexo da história. Segundo o autor há um condensado do tempo e do espaço que se intensificam para dar valor ao enredo da História.

Utopicamente este lugar, é a ficção do ideal uma vez que permite a projeção dos desejos nesta geografia da distância. Procurará Tojal o paraíso nos resquícios do ex-império a felicidade, o retorno à infância, a chave para a errância do seu narrador e já agora, porque não, a resposta para o amor na terra dos possíveis? Como refere Júlia Kristeva, no ensaio *Étranger à nous même*: “é preciso (...) ir à colónia buscar a liberdade para resolver os problemas identitários”<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Maria Ondina Braga, *A China ficou ao lado*, Lisboa, Bertrand, 1966.

<sup>4</sup> Mikhail, Bakhtin, *Questões de literatura e estética – a teoria do romance*, São Paulo, Unesp, 1998, p.211.

<sup>5</sup> Julia Kristeva *Etrangers à nous-mêmes*, Paris, Fayard 1989, p.25.

Se no início da viagem há um encantamento quase ingénuo e um espírito de aventura inerente à partida o mesmo não acontece com o regresso como se pode ver nos diálogos do narrador com o taxista na partida e na chegada.

(...)

O senhor vai trabalhar para Macau?

— Não.

— Ah, vai passear...

— Acho que também não.

O taxista olha-me com estranheza pelo retrovisor. Para quê dizer-lhe que numa das últimas noites sonhara com Macau, que ao acordar verificara ter dinheiro suficiente para lá ir e que então fizera sonambulamente a mala, a fim de arrastar por outras paragens o meu gélido desencanto, este crescente fastio de viver?

— O senhor, não sendo novo, também ainda não é velho — torna ele. — Devemos regular pela mesma idade. Seja o que for que o leva tão longe, garanto-lhe que no seu lugar eu não voltava. Macau é outro mundo;

(...)

A desilusão e a reflexão sobre a vida instalam-se e o “eu” confunde-se com o “outro” povo aventureiro que desde há quatrocentos anos percorre estas terras. O narrador passa do seu drama pessoal à evocação da presença portuguesa questionando-se sobre o que resta dela. Estamos, perante umas *Histórias de Macau* marcadas por uma sensibilidade essencialmente cunhada na história portuguesa de Macau e menos na história chinesa de Macau. Nesta catarse introspectiva a cidade tentacular não abraçou o narrador como bem se nota no antepenúltimo conto que precede a viagem e que se intitula “Um último olhar”:

(...)

A cidade parece-me tão inabordável como no primeiro dia. A minha chave não lhe abriu a alma. (...) Não me impregnei devidamente do cheiro oriental; o meu cheiro ainda é o bárbaro cheiro europeu; continuo estrangeiro. Os olhos do cão repetem, inamistosos: “Que vieste cá fazer?” E eu volto a considerar boa a pergunta. Que vim cá fazer?...Que viemos nós, portugueses, cá fazer? (p.329-330)

“Este “último olhar”, assim como o primeiro, ocorre na estação portuária onde os cheiros atormentem o narrador. Aqui dá-se a desilusão e a “eterna busca do novo” como referia Tereza Sena<sup>6</sup> no prefácio do livro.

---

<sup>6</sup> « Na primeira [viagem] prognostica-se classicamente que a catarse será consumada pela viagem através da qual se processará o reencontro e a identificação do «herói»/protagonista/narrador

O desfecho da viagem não ocorre num porto em Macau mas sim novamente num táxi de regresso a Lisboa com as mesmas dúvidas. Digamos que há nesta narrativa circular uma grande dualidade. Vejamos como o narrador descreve esse regresso:

O Taxista olha-me com estranheza. Para quê dizer-lhe que regressava pior do que partira, que estava farto e refarto da vida, que a minha vontade era mergulhar num sono profundo e sem fim? (...)

Macau despertou outros sentidos e perspectivas e, de facto, os portugueses não foram os únicos a serem seduzidos por este espaço. Tal como Tojal Antoine Volodine, um dos numerosos heterónimos sob o qual o autor, iniciou também ele aqui um “exílio voluntário feliz”<sup>7</sup> como refere o autor. Nasceu em França em 1950, e é atualmente uma das mais originais vozes do romance contemporâneo francês com mais de 30 títulos publicados e numerosos prémios.

Sem dúvida a China do Sul, especialmente Macau, é um espaço de deambulação poética para o autor. Volodine conhece bem Macau e, para além de estudar a língua e a cultura chinesa, viveu dois anos (entre 1992 e 1994) no enclave. Dessa primeira estada resultou o livro *Port Interieur*, publicado em 1996. Entre 1997 e 2008 regressou à cidade regularmente para estadas prolongadas, aí vivendo de novo entre Setembro de 2008 e Agosto de 2009. Já em França, publicou, em Outubro de 2009, *Macau* composto por 49 textos/fragmentos e 51 fotografias de Olivier Aubert e traduzido para português em 2012. Este texto, por seu turno, retoma um outro intitulado *Fim*, ilustrado pelas fotografias do português Paulo Nozzolino, e publicado pela Fundação Oriente, em Lisboa, no ano de 2001, pouco depois da transição da administração de Macau para a RPC.

Difícil é classificar *Macau*, livro estranho, com um capa na edição francesa algo inquietante, que remete para o enigma que se prolonga na contracapa com as seguintes linhas :

Cela me plaisait de devoir être tué en Chine, sur une jonque à l’ancrage, devant une photogénique vieillard, dans une atmosphère chinoise saturé de puanteurs, de

---

consigo próprio, uma vez confrontado com outra realidade. É a eterna busca do novo. Na segunda, a expectativa inicial e a atracção pelo desconhecido permanecem no inconsciente colectivo, mas apenas ao nível mítico.”, Teresa Sena, in Altino do Tojal, *Histórias de Macau*, Lisboa, INCM - Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010, p.8.

<sup>7</sup> Entrevista do autor «“O meu exílio voluntário em Macau foi sempre um tempo feliz” in *Ponto Final*, 3 de fevereiro 2013, <https://paragrafopontofinal.wordpress.com/2013/02/03/o-meu-exilio-voluntario-em-macau-foi-sempre-um-tempo-feliz/> (acessível em abril 2017).

fumée de poisson frit, de tabac, de pétrole, d'eau sale. Après tout j'étais venu pour ça, pour en finir, pour être ailleurs et en finir.

Volodine olha para Macau de forma diferente de Tojal, dá-nos a ver a história dos marginais. Há uma deambulação enigmática neste espaço que ele conhece bem e onde mistura pessoas, hábitos, lugares, arquiteturas passadas e presentes. O diálogo entre as fotografias Olivier Aubert e o texto acentuam o lado de guia turístico do livro onde só os iniciados entram para terem emoções.

As personagens criadas por Volodine deambulam num espaço internacional e cosmopolita que nada tem de exótico para o autor. Estas são frequentemente loucos, doentes, mortos que transitam de um mundo para o outro, xamanes, criminosos, presos políticos, homens e mulheres perseguidos, escritores assassinados, povos mutilados pelo peso das ditaduras e pelo capitalismo cruel, entre outros. Essas personagens são atores numa peça de teatro itinerante. Enquanto figuras de uma galeria de exilados de várias nacionalidades irrompem de estória em estória, de livro em livro com os mesmos nomes, ora metamorfoseados, ora mortos, ora ressuscitados, para narrarem as próprias vivências pessoais e a visão que têm do mundo.

Em *Macau*, e como que renascido das cinzas, Breughel, entre assassino profissional e espião condenado por uma doença incurável, vai ter um fim rápido uma vez que a máfia decide acabar com ele.

Está prestes a ser assassinado, depois de ter sido preso e transportado para um juncos ancorado no Porto Interior. Permanece ali, por entre o fétido cheiro aguardando no calor húmido e peganhento, o fim que não vem, estático, face aos guardas, a um velho austero e a uma coreana Laura Kim. O leitor assiste, a partir daqui e até à morte do personagem/narrador, a um desfilar vertiginoso de memórias, fragmentos de vida. Através de uma espécie de estranho monólogo, o condenado fala sobre a vida, o amor por Glória Vancouver, as errâncias que o levaram à situação em que se encontra. Tal como para Tojal a chegada a Macau é um momento marcante.

On arrive par la mer depuis Hong Kong, on est comme enivré par sa propre émotion en face du paysage, devant cette expérience de beauté pure, de splendeur simple (...). On arrive par la mer à Macao, et dans l'humidité brûlante qui asphyxie aussitôt, on sent qu'en va enfin avoir le droit de dire adieu à tout, d'habiter ailleurs,

le droit de flotter en exotisme de nouveau et comme pour toujours (...). Voilà ce qu'on sent : on est en terre d'accueil. (fragmento 7, p.21-22)

Para ambos os escritores Macau é simultaneamente tempo terra de exílio, mas também templo de amor. No entanto Volodine nada tem a ver com o lado português de Macau. São os chineses e a China que o fascinam apesar de se mostrar sensível à presença, aos sinais e marcas portuguesas. Por detrás dos tentáculos da cidade escondem-se rostos humanos com vidas e estórias para contar como tão bem demonstram as fotografias.

Estamos num espaço longe do “bacalhau” este narrador leva-nos aos confins do lado asiático.

Tu verras vite sur quoi se reconstruira ta tendresse envers Macao. Emprunte les ruelles bordées d'habitations en voie d'écroulement, glisse-toi dans les passages sordides, longe les constructions en brique noir du port intérieur, toute cette misère délabrée de la ville chinoise d'il y a un siècle. Ou sinon, arpente les quartiers qui étaient modernes au temps où plus au nord grondait la révolution culturelle (...) Ton affection sera aussitôt amicale. Elle fleurira dans les restaurants à vingt pataques où sont suspendues de minuscules portions de tripes (...) C'est là-dedans que tu déjà commencer à errer, (...) comme un homme à qui ont a tout retiré afin qu'il soit propre devant la mort. (fragmento 10, p.26-27).

Estas são as derradeiras memórias de uma vida plena de aventuras. O narrador denuncia o colonialismo ecológico a (transformação e adaptação da paisagem)<sup>8</sup>. A cidade «tremplin pour l'imagination. Des villes ou des lieux aux noms incantatoires, porteurs de mythes, de légendes et d'histoires. Il est des villes dont le simple nom est un Macao»<sup>9</sup> a que se refere Phillippe Pons tornou-se para Volodine numa ferida urbana sem alma e com sinais do desmoronamento do utópico império. Como vemos no excerto

Il en fallait, de la fidélité, de l'aveuglement volontaire, pour rester amoureux de cet endroit!... Je l'avais découvert dix plus tôt sous sa forme de bourgade coloniale, figé dans les années quarante, et ensuite je l'avais vu se métamorphoser à grande vitesse en une affreuse banlieue, sous l'impulsion de médiocres architectes qui par tous les moyens en arrachait l'âme séculaire, la vielle âme luso-asiatique. (fragmento 8, p.23-24).

<sup>8</sup> Joseph Kessel, *Hong-Kong et Macao*, Paris, Gallimard, 2011. 2011 [1957], cf parte II: « L'enfer du jeu », pp. 146-147, 159, 213.

<sup>9</sup> Phillippe Pons, *Macao, un éclat d'éternité*, 1999, Paris, Collection Le Cabinet des lettrés, Gallimard, 1999.

A Ásia, por excelência lugar de fronteira, de História e de poesia, sendo aí que o autor se sente à margem, em situação de familiaridade e ao mesmo tempo de distanciamento e de estranheza, intimamente relacionada com a noção de exílio:

Pour ce qui me concerne, j'ai toujours veillé à penser et à raconter depuis des terres de rupture et des terres d'exil définitif. Macau, Canton, Hong Kong, Seoul, Taipei ou d'autres villes d'Asie sont donc tout naturellement devenus une source d'inspiration renouvelée pour des décors du quotidien, de même que les paysages mongols ou les déserts sud-américains de l'Altiplano. (Volodine in «*Devenir du roman*», 2007, pp. 253-269.)

Tomando em consideração Christine Dupouy diga-se que os lugares evocados pelo escritor são “un miroir affectif de la mémoire, cet espace chargé d'histoire et de souvenirs qui s'attache à des lieux”<sup>10</sup>, ou seja para Antoine Volodine a China é o lugar de alteridade, e, tal como refere Júlia Kristeva “Vivre avec l'Autre, avec l'étranger, nous confronte à la possibilité ou non d'être un Autre”<sup>11</sup>.

Certo, não se pode comparar Antoine Volodine a Tojal no estilo, na temática, e muito menos no percurso. No entanto, e apesar das grandes diferenças, o que os une é a vontade de contar histórias que decorrem num espaço ambíguo que suscita em ambos memórias, emoções, recordações e vivências.

Para terminar digamos que o autor francês, ao contrário de Altino Tojal, tem uma visão onírica de Macau e de todo liberta de meros referentes históricos. As memórias de Brughel confundem-se num espaço poético muito forte onde a miséria humana nunca é esquecida. Tal como Tojal, ele evoca esse outro Oriente fascinante e misterioso que desencadeia nele emoções. Mas, e como já referimos, Tojal é sensível sobretudo aos referentes portugueses e não passa a fronteira do exótico idealista, enquanto Volodine conduz-nos aos *bas fonds* num labirinto pouco permeável aos clichés do império. Para ambos Macau é lugar de todas as utopias necessárias para esta criação de que nos fala Fabrice Hybert, “L'utopie demeure, avec l'érotisme, l'un des piliers de la création artistique, l'un des ressorts de l'énergie créatrice”<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> Christine Dupouy, *La Question du lieu en poésie du surréalisme jusqu'à nos jours*, Amsterdam, Rodopi, 2006, p.16.

<sup>11</sup>Júlia Kristeva, *Etrangers à nous-mêmes*, Paris, Gallimard, 1991, p.25.

<sup>12</sup> Fabrice, Hybert, « L'utopie demeure l'un des piliers de la création artistique » in *Le Magazine Littéraire*, N°387, mai 2000, <http://www.magazine-litteraire.com/%C2%AB-lutopie-demeure-lun-des-piliers-de-la-cr%C3%A9ation-artistique-%C2%BB> (consultado em maio 2017).

Em Macau os sujeitos procuram-se e perdem-se nos meandros da interioridade divididos entre o apelo das origens e a atração pelo desconhecido. Macau surge para ambos como um lugar de catarse que acorda o inconsciente, ou que o predispõe, a aceitar “a nossa inquietante alteridade”<sup>13</sup>. Talvez ambos venham a Macau para morrer e renascer.

## Bibliografia

- BACHELARD, Gaston, *L'eau et les rêves*, [essai sur l'imagination et la matière], Paris, José Corti, 1972. p.100.
- BRAGA Ondina, Maria, *A China ficou ao lado*, Lisboa, Bertrand, 1966
- BATALHA, Graciete, recensão crítica, “Histórias de Macau”, in *Revista de Macau*, nº10, Abril 1988, nº49-50.
- CANIATO BENILDE, Justo, *Macau, história e cultura*. in Garmes, Helder (org.) *Oriente, engenho e arte: imprensa e literatura em língua portuguesa em Goa, Macau e Timor Leste*, São Paulo, Alameda, 2004.
- CHENG MIL, Christina, *Macau A Cultural Janus*, Hong Kong Press, 1999.
- CONRADO, Júlio, recensão crítica, “Histórias de Macau”, in *Revista Colóquio/Letras*, n.º 107, Jan. 1989, p. 88-89.
- CORBIN, Alain e RICHARD Helene org., *La mer terreur et fascination*, Paris, BNF/Seuil, 2004, «introdução», p.12-17.
- DUPOUY, Christine, *La Question du lieu en poésie du surréalisme jusqu'à nos jours*, Rodopi, collection "Faux titre", Amsterdam - New-York, 2006.
- FREUD, Sigmund, *L'inquiétante étrangeté (Das Unheimliche)*, trad. do alemão por Marie Bonaparte e E. Marty, Paris, Gallimard, (1ªed.1919), 1985.
- HYBERT, Fabrice, « L'utopie demeure l'un des piliers de la création artistique » in *Le Magazine Littéraire*, N°387, mai 2000, <http://www.magazine-litteraire.com/%C2%AB-lutopie-demeure-lun-des-piliers-de-la-cr%C3%A9ation-artistique-%C2%BB> (consultado em maio 2017)
- KESSEL, Joseph *Hong-Kong et Macao*, Paris, Gallimard, 2011.
- KRISTEVA, Julia, *Etrangers à nous-mêmes*, Paris, Fayard, 1989.
- LOURENÇO, Eduardo, *Saudade-Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, Gradiva, 6ªedição.
- MAJDALANI, Charif, « Macao derniers jours », in *l'Orient*, quinta-feira 1 de Abril 2010.
- OLIVIER, Aubert, fotografias de *Macau*, in <http://www.aubertolivier.org/>
- PONS, Philippe, *Macao, un éclat d'éternité*, 1999, Paris, Collection Le Cabinet des lettrés, Gallimard, 1999.
- ROCHE, Anne e VIART Dominique org., « *Antoine Volodine, fictions du politique* », seguidos de uma entrevista de Antoine Volodine, in *La Revue des lettres modernes - Écritures contemporaines*, nº 8, 2006.
- RUFFEL, Lionel, *Volodine post-exotique*, Paris, C. Default, 2007.
- SOUTO, Luís, entrevista com Altino Tojal, in *A página da Educação*, s/d. [www.apagina.pt/Download/PAGINA/SM\\_Doc/Mid.../Página\\_8533.pdf](http://www.apagina.pt/Download/PAGINA/SM_Doc/Mid.../Página_8533.pdf) (consultado em Abril 2010)
- SOUTO, Egídia « Macau vu par l'écrivain Antoine Volodine : Entre réel et onirisme », University of Macau, Department of Portuguese, Faculty of Arts and Humanities, 27 octobre 2015.
- TOJAL, Altino, *Histórias de Macau*, Lisboa, INCM, 4ed, 2009.
- VOLODINE, Antoine, *FIM*, trad. Ana Sardinha e Richard Trewinnard, fotos de Paulo Nozzolino Lisboa, Fundação do Oriente, 2001.
- \_\_\_\_\_, *Le port Intérieur*, Paris, Les Editions de Minuit, 1996.
- \_\_\_\_\_, *Macau*, fotos de Olivier Aubert, Paris, coll fiction & cie, Seuil, 2009.
- \_\_\_\_\_, *Macau*, fotos de Olivier Aubert, tradução de Ana Isabel Sardinha, Lisboa, Sextante, 2012.

<sup>13</sup> Sigmund, Freud, *L'inquiétante étrangeté (Das Unheimliche)*, Paris, Gallimard, (1ªed.1919), 1985.